

Citar: Apellidos, N. (2016) "Título", en: Santos González, D. y Giménez Rodríguez, S. (coords.) (2016). *Integraciones y Desintegraciones sociales*. Toledo: ACMS, pp.

LA ESTÉTICA DE LA VIOLENCIA: LOS MEDIOS DE COMUNICACIÓN Y LA CONSTRUCCIÓN DEL GOLPE DE ESTADO EN BRASIL 2016

Tiago Fernandes Alves. *Universidade Federal da Paraíba*

Breve contexto

Este artigo tem por objetivo analisar o papel de grupos midiáticos na construção do golpe de Estado no Brasil deste ano, 2016. As duas linhas argumentativas para entender o problema se embasam em dois processos que se coadunam. A primeira argumentação parte do esvaziamento dos espaços públicos brasileiros devido à violência urbana, ademais dos poucos investimentos em infraestrutura e políticas públicas que garantam acessibilidade e mobilidade urbanas. A segunda se refere à utilização do medo da violência urbana e o descaso com os serviços públicos como um tipo de capital midiático que gera narrativas na construção de um imaginário brasileiro sobre si mesmo (chamado de “complexo de vira lata”). Esses dois momentos que se retroalimentam são potencializados pelo recente acesso às redes sociais digitais, reflexo da tardia entrada da sociedade brasileira no mundo global da internet, potencializada em grande medida pela estabilidade econômica, e pelas políticas de distribuição de renda e acesso ao crédito alcançados nos últimos vinte anos.

A discussão teórica almeja analisar as formas que a mídia adquiriu ao longo do processo jurídico político que culminou no impeachment da Presidenta Dilma Rousseff (leia-se golpe parlamentar) como esgotamento da política de conciliação por parte da esquerda no poder desde 2002. A chamada crise econômica iniciada em 2008 atingiu de forma significativa o país após alguns anos de estabilidade – devido em grande medida por uma economia solidificada pelas grandes reservas em dólares e uma taxa cambial que permitia o fluxo de capital e commodities – frente ao colapso de alguns países europeus como Grécia, Portugal, Itália e Espanha, e também Estados Unidos e Japão. Os sintomas econômicos como a inflação e as políticas de ajuste fiscal por parte da Presidenta em seu segundo mandato, além da crise das commodities, atingindo em cheio países como Brasil, China e Rússia, lançaram os dados no jogo dos interesses que se arquitetavam nos bastidores do Palácio do Planalto.

Aliado a esse contexto de crise econômica, uma série de denúncias de corrupção explodiram como linha demarcatória, levando milhões de pessoas às ruas nas

MESA DE TRABALHO 1: SOCIOLOGIA DE LA COMUNICACION Y DEL LENGUAJE

chamadas manifestações de junho de 2013, tendo como estopim o aumento das passagens de ônibus pelo governo paulista. Neste sentido, é nesse bojo de acontecimentos que a mídia começa a gerenciar as narrativas e discursos a fim de aproar o caudaloso mar de insatisfação da população. As notícias foram transmitidas e reportagens foram lançadas, a princípio, como forma de deslegitimar as manifestações (é interessante perceber que muitas reportagens sobre o perigoso mundo juvenil das drogas sintéticas foram ao ar no momento de maior tensão). Mas logo recorreram ao acercamento a elas, manobrando grupos de jovens como lideranças politizadas necessárias à organização desse mar de insatisfeitos arredios.

Ao final de todo o processo ficou exposto à engrenagem montada pelos grupos jurídico-político-midiáticos e financeiros empresariais na retomada do poder perdido nas eleições presidenciais de 2014. A derrota de seu candidato, Aécio Neves, atirou o país em uma ingovernabilidade manifestada pelas manobras por parte da Câmara dos Deputados encabeçada pelo recém cassado Eduardo Cunha. A insatisfação das ruas foi condensada em ódio, o ódio em fascismo, e este em cegueira política que levou milhões de brasileiros a acreditar em uma das maiores farsas já inventadas em nossa história recente.

Medo, violência e esvaziamento do espaço público

Os processos de comunicação nas sociedades humanas se referem basicamente a modos de transmissão de informações entre um emissor e um receptor. Nesse processo comunicativo devem estar presentes mecanismos que permitam a decodificação dos códigos informados através de um sistema de comunicação que estabeleça as várias linguagens necessárias. Essa base de conhecimento indispensável à decodificação das informações transmitida é prévia e, ao mesmo tempo, análoga ao processo comunicacional, pois a emissão e recepção de informações requer um contexto apropriado ao seu entendimento fundamental, permitindo, assim, que os dados sejam processados com mínimas interferências destoantes. Daí o problema das interferências do ruído, segundo Schafer (1977; 1991), Sá (2011), Maria Pereira (2003), Simone Luci Pereira (2007), Marra e Garcia (2012), assim como a concepção de bolha acústica proposta por Michel Bull (Apud SÁ, 2011), onde há a percepção de que os espaços públicos e redes comunicacionais estão cada vez mais ruidosos, no sentido das implicações que as interferências externas – que podem ser, inclusive, a fala superposta de outros diálogos, atravessando a conversação central, como exemplo de programas da Tele 5

MESA DE TRABALHO 1: SOCIOLOGIA DE LA COMUNICACIÓN Y DEL LENGUAJE

espanhola Salvame e Gran Hermano – causam nos processos de decodificação das informações transmitidas. Entendamos ruído por interferências, sejam quais forem, inclusive o silenciamento pelo monopólio discursivo, acrítico e não dialógico.

Ademais, o processo de decodificação das informações sofre distorções, tanto no âmbito da emissão quanto da recepção, devido aos fatores ideológicos envolvidos por parte dos interesses relativos aos campos e disputas de poder. A ideologia surge como condição à construção de uma realidade sobreposta à própria realidade, silenciada, submergida não apenas como um véu que a encobre, mas como elaboração subjetiva cognosciva, como sistema simbólico de representação e como percepção mesma do Real (Žižek, 2014). Contudo e apesar de reconhecer a importância dessa questão, o debate no plano da ideologia é inesgotável e complexo, extrapolando os objetivos ora propostos. Voltemos ao tema.

No caso brasileiro é importante notar que há um deslocamento da esfera comunicacional do espaço público para o privado, devido, principalmente, aos elevados níveis de violência urbana que esvaziaram os conteúdos comunicacionais, restringidos a “falas de medo”, onde o mote das conversações são os sentimentos de medo e pânico diante de um mundo externo perigoso e hostil (Caldeira, 2000). Trancafiado em casa, o “novo” cidadão brasileiro é fulminado cotidianamente pela *timeline* das redes sociais, pelo aplicativo *whatsapp* e pelo conteúdo acrítico televisivo. Há, portanto, uma retroalimentação das falas de medo frente ao avanço da violência urbana, onde imperam as narrativas de assaltos, assassinatos e homicídios como construção de um sentimento de repúdio ao espaço público, lugar ocupado por marginais, um pórtico, na fala de Magnani (2002), ou um não lugar, não no sentido proposto por Marc Augé (2012) – sentido que pouco contribui para uma leitura crítica significativa da realidade brasileira –, mas como uma contrageografia, espaços que não nos é permitido trânsito e acessibilidade.

À mídia, portanto, lhe é dado um magnânimo poder de construção da realidade por meio de um imaginário atroz, onde o sangue das vítimas esquartejadas e baleadas permeia o solo nada convidativo das ruas e praças. A casa, como bem definiu Da Matta (2012), torna-se o contraponto à rua, lugar do desconhecido, do outro que nos pode fazer dano. A casa se tornou o lugar de proteção contra o mal que habita lá fora, nas ruas, quase como pequenos feudos, com muros altos, cercas elétricas, portões por controle remoto, câmeras de vigilância, cachorros, alarmes. As ruas se tornaram o lugar do medo, da escuridão. Mal iluminadas e mal cuidadas, nossas praças são

MESA DE TRABALHO 1: SOCIOLOGIA DE LA COMUNICACION Y DEL LENGUAJE

esvaziadas, tanto durante o dia quanto à noite. Habitadas por mendigos, crianças abandonadas e/ou foragidas de núcleos familiares destruídos pela violência doméstica e por usuários de drogas e prostituição. É interessante notar que as histórias contadas por pais e mães a filhos e filhas desobedientes são as de “velhos do saco”, “papa figo” (“figo”, neologismo popular = fígado), uma projeção fantasiosa que prepara os futuros adultos cidadãos a temer o lado de fora de suas casas, quase um retorno ao mundo medieval, temeroso pelos invasores monstruosos bárbaros, feiticeiros e bruxas que infestavam as florestas, habitadas por demônios e monstros sanguinários.

O controle sobre a construção da narrativa do cotidiano por parte da mídia e redes sociais gera um dispositivo de poder nunca antes visto. Os sujeitos passam a ler e interpretar a própria realidade a partir das narrativas encontradas prontas em suas telas de celular e computador, o que demonstra a recente entrada dos brasileiros no mundo digital e a imaturidade no controle das (des)informações nele contidas. O monopólio sobre as narrativas possibilita aos grupos midiáticos o controle sobre as representações coletivas da realidade, gerenciando sensações necessárias aos seus propósitos, seja a audiência, seja o interesse político partidário. As sensações são espetacularizadas, travestidas de informação, transformada em matéria jornalística, mercantilizada como produto altamente rentável, transfigurada em audiência, transubstancializada em capital político financeiro (Debord, 2003).

Esse monopólio das narrativas remete-se ao que Marilena Chauí (2011) apontou como um tipo de perda do cidadão comum para narrar e entender a própria vida particular, devendo este submeter-se ao “discurso competente” especializado. Nos sentamos diante da televisão e aguardamos a opinião de especialistas acerca do tempo, da política, da economia, apresentando-nos dicas de alimentação, ensinando-nos a escovar os dentes de forma correta, a fazer sexo, a criar os nossos filhos. Há, portanto, uma deslegitimação das competências dos sujeitos em gerenciar a própria vida cotidiana.

O problema ora elencado surge do questionamento sobre os meios pelos quais os dados e informações são transmitidos e distorcidos, de acordo com os posicionamentos e lugares ocupados e transitados pelos sujeitos emissores e receptores dentro das estruturas sociais de classe, interesses econômicos e sistemas de crenças em geral. Neste sentido, qual a real força dos agentes emissores, assim como dos meios nos quais as informações são transmitidas, em construir sistemas de

MESA DE TRABALHO 1: SOCIOLOGIA DE LA COMUNICACION Y DEL LENGUAJE

representação e de leitura da realidade? Poderíamos falar em manipulação da realidade condicionada por interesses de grupos dominantes? Se sim, qual o alcance dessa força construtora de realidades?

Mídias, poder e política.

Bourdieu (2011) contempla essa dinâmica estrutural a partir das relações de poder contidas em cada campo social e os modos como os sistemas de representação se produzem e reproduzem – estruturas estruturadas estruturantes. A manutenção das ordens sociais é atravessada por uma série de construções sógnicas que representam a realidade por meio de discursos numa constante luta de legitimação e deslegitimação, como afirmado por Derrida (2010) – o poder como performance perlocutória –, Berger e Luckmann (2004), e o próprio Bourdieu (2011). Daí a importância do domínio sobre os campos de produção de saber e conhecimento, seja a igreja católica no medievo, com seu monopólio sobre a interpretação da realidade pela teologia e, posteriormente, no domínio dos centros de pesquisa e investigação universitários, seja no plano atual em que os sistemas públicos educacionais pelo mundo são constantemente atacados sob a égide do capital e suas crises inventadas, com a implementação de políticas de austeridade.

A imprensa é, portanto, principalmente a televisão no caso brasileiro e, mais recentemente as redes e mídias sociais, um campo de construção sógnica, porém dominada pelos interesses de determinados grupos detentores do poder econômico e político. Como apontou Bourdieu (1997), a televisão é o campo de atuação dessas forças, numa constante luta pelo estabelecimento e manutenção de um sistema de crenças condizente à sua reprodução. As narrativas políticas são elaboradas a partir de um maniqueísmo quase ortodoxo, esvaziando-se de sentido crítico, adequando-se ao *status quo*, ou rompendo-se imediatamente caso os interesses desses grupos não sejam contemplados, como no caso brasileiro deste ano. Dá-se mais importância ao *views* que ao *news*, onde a informação é dada como opinião de especialistas, e não como explicação neutra relativa ao dado informativo apresentado.

O papel da imprensa brasileira no golpe de Estado deste ano não é nenhuma novidade. Redes de televisão como a Globo foram cruciais na derrubada do governo João Goulart e o posterior estabelecimento de uma ditadura militar que durou 21 anos. As mesmas narrativas foram reutilizadas em 2016 como produção de um possível temor frente ao mal “comunista bolivariano”, uma luta contra forças antinacionalistas e um grupo em particular identificado com a esquerda política como sendo o culpado por

MESA DE TRABALHO 1: SOCIOLOGIA DE LA COMUNICACION Y DEL LENGUAJE

toda corrupção. O modo como a realidade material foi distorcida pela forma como ela é percebida demonstra o poder e a capacidade que possuem as mídias. As narrativas e simbologias foram cruciais no processo de distorção/criação da realidade experimentada utilizando as falas do medo, como proposto por Caldeira (2000), e o discurso competente, como afirmou Chauí (2011), através de discursos proferidos por emissores sob o crivo simbólico de “especialistas”. Neste cenário construído de forma teatral, os economistas apareceram como os grandes paladinos, narrando a agonia do ente econômico carente de ajuda para sua sobrevivência. A economia foi tomada como entidade viva, princípio bastante presente entre os neoliberais. Neste sentido, o Bem, economia liberal, estava sendo atacada pelo Mal, comunista, e tinha que ser salva. Daí surgiram e se espalharam os jargões replicados incansavelmente: “o Brasil tá quebrado”, “o PT quebrou o país”, “a Petrobrás tá quebrada”, etc. Esse temor foi a solução encontrada para levar a cabo o golpe de Estado e as posteriores reformas impopulares ainda em curso do governo golpista de Michel Temer. Em resumo, “Em um país quebrado pelos desmandos petistas é necessária a união de todos para soerguê-lo, mesmo que isso custe o sacrifício de parte da população”. Essa fala que pode encaixar-se nos discursos nazifascistas e totalitários ao longo da história foi o desfecho trágico do grande circo político de 2016 ainda em curso.

Junho de 2013

Os meios de comunicação lançaram mão de todo seu poder para a legitimação de um golpe de Estado parlamentar, fato este que deixou claro o descompromisso e até repúdio por parte das elites com a democracia representativa. Após dois mandatos com os mais altos índices de aprovação de um presidente em toda a história, Lula passou a faixa presidencial a Dilma Rousseff em 2010. Após um primeiro mandato de incessantes tentativas de governabilidade ao negociar e distribuir cargos aos setores empresariais e da direita política, a Presidenta foi reeleita em 2014, em uma disputa acirrada no segundo turno contra Aécio Neves, candidato dos interesses da direita, como ficou explícito na capa da revista *Veja* de 10 de outubro de 2010. Mesmo antes de anunciado o resultado final, mensagens de *whatsapp* foram espalhadas garantindo a vitória de Aécio. O sentimento de euforia também foi manifestado pelos apresentadores de televisão, William Bonner e Ricardo Boechat, figurando rostos de claro desalento após a anunciada vitória de Dilma. Sua derrota foi o descontento geral das forças do capital financeiro operantes no sistema político, pois são os grandes financiadores das campanhas políticas e que recebem o retorno investido na forma de licitações e anistias de suas dívidas com a União, como foi o caso do perdão da dívida

MESA DE TRABALHO 1: SOCIOLOGÍA DE LA COMUNICACIÓN Y DEL LENGUAJE

dos planos de saúde privados este ano, em torno de 2,4 bilhões de reais, medida que havia sido vetada por Dilma.

Contudo, o caminho já havia sido traçado quando a mídia tomou posse das manifestações de junho de 2013 remodelando sua narrativa e ressignificando seu sentido primário. O que havia sido uma série de manifestações de caráter espontâneo foi reconfigurado como movimentos da sociedade civil contra a corrupção do Partido dos Trabalhadores, já então desgastado pelas investigações e prisões sobre esquemas de corrupção chamados de mensalão e petrolão.

Essas manifestações ganharam força pelos sucessivos casos de corrupção noticiados, e tiveram seu estopim pelo aumento da passagem de ônibus em São Paulo, o que levou uma enxurrada de jovens às ruas. Aos poucos as sucessivas ocupações das ruas e os duros embates pela repressão policial gerou uma adesão nacional, onde várias reivindicações foram postas sem uma centralidade. O jargão “o gigante acordou” foi o fio condutor na expressão de uma nação inteira que se levantava contra todos os males que afligem sua população. As redes sociais, como o *facebook*, tiveram um papel importantíssimo na organização e clamor pela adesão aos movimentos contestatórios. Jovens, mulheres, negros, quilombolas, comunidades LBTT's ocuparam as ruas sem que houvesse um gerenciamento político partidário.

Os noticiários da Globo, Bandeirantes e do SBT encabeçados por William Bonner, Boechat e Raquel Scherazade, alinharam-se num discurso de deslegitimação das manifestações ao tomá-las como “acéfalas”, pois não possuíam líderes a princípio, e de “arruaceiros”, “vândalos” e “baderneiros”, numa clássica alusão a tudo que estiver fora do controle é desordem e, portanto, mal. A sistemática quebra de vidraças de agências bancárias foi prontamente repudiada pela mídia, assim como o fechamento de ruas pelos protestos despertou o lado mais sombrio da elite fascista brasileira com uma série de atropelamentos por parte de motoristas irritados, principalmente em São Paulo. De pronto o bem estar de janelas e lixeiras estava acima da de jovens espancados e ensanguentados, presos por portar desinfetante, sendo comparados a terroristas, num clássico jogo de linguagem hiperbólica ou eufemista (manifestante X terrorista, jovem X marginal).

O mesmo discurso deslegitimador também esteve presente durante os primeiros enfrentamentos no atual conflito sírio. Quando as tropas contrárias ao regime de Assad iniciaram ofensivas bélicas, a narrativa midiática os nomeou de “tropas rebeldes”, em um claro apoio à derrubada do ditador sírio em conluio com os

MESA DE TRABALHO 1: SOCIOLOGIA DE LA COMUNICACION Y DEL LENGUAJE

interesses e financiamento estadunidenses. Fica claro o lado perlocutório do poder como performance de legitimação do discurso de manutenção ou ruptura da ordem, desconstruindo os mesmos processos materiais por meio de ressignificações semânticas, reconstruindo a realidade através de narrativas que reestabeleçam a concretude a partir da ideia, um cinismo ideológico que se sobrepõe ao dado concreto.

No caso brasileiro grupos como o MBL (Movimento Brasil Livre), o Movimento Passe Livre e o Vem Pra Rua surgiram, a princípio, como células organizadas da sociedade civil sem vínculos partidários, princípio que caiu por terra ao ser explícito o apadrinhamento político partidário de certas lideranças, inclusive com a recente eleição pelo DEM de Fernando Holiday do MBL, para vereador em São Paulo. Os *Black Blocs*, grupos de jovens mascarados que também alcançaram protagonismo nos movimentos *Ocuppy* no Estados Unidos, foram duramente criticados e diretamente associados à esquerda como forças violentas em busca de instaurar o caos. A força dessas manifestações espontâneas e sem lideranças aparecem claramente como medo da direita política por seu potencial contestatório e como descontentamento por parte da esquerda ao perder o protagonismo nas lutas sociais. A própria esquerda se esquivou do embrolho ao não querer ser associada à “violência” gratuita, o que demonstrou ser um erro estratégico e inclusive político, pois as reivindicações violentas das ruas devem ser tomadas como ferramentas de contestação legítimas.

Contudo, com a aproximação das eleições presidenciais de 2014, a mídia investiu na reinvenção narrativa ao remodelar esses movimentos dando-lhes caráter legítimo. Os líderes do MBL foram cooptados por partidos políticos da direita (DEM e PSDB) numa clara tentativa de confluir as energias contidas nas ruas para angariar capital político na deflagração de um golpe parlamentar. Os sentimentos de descontentamento geral foram paulatinamente transfigurados em ódio de classe, o que explica, em termos, a mudança de opinião pública repentina da imagem de um presidente com índices de aprovação de mais de 80% ao final de seu mandato para um sujeito odiado por supostos crimes encontrados apenas em narrativas da Veja e do grupo Abril, Jornal Nacional, Istoé, SBT, Record e grupo Bandeirantes.

As capas da Veja e as falas da apresentadora Raquel Scherazade são sintomáticas de um crescente sentimento de ódio de classe, racismo e misoginia. Inflamaram o discurso nacionalista nos termos fascistas ao apropriarem-se das cores da bandeira nacional em contraponto às cores vermelhas da esquerda política. O jargão “nossa bandeira nunca será vermelha” foi a deixa principal da elite branca para deslegitimar a

MESA DE TRABAJO 1: SOCIOLOGÍA DE LA COMUNICACIÓN Y DEL LENGUAJE

ascensão social das classes historicamente subalternizadas, tomando-as como “vagabundos” e “preguiçosos”, pois “não querem trabalhar”, mas só receber o “bolsa esmola”, uma alusão ao programa de distribuição de renda criado por Lula, o Bolsa Família. O mesmo discurso está carregado das mesmas impressões racistas coloniais dos genocidas tidos como heróis descobridores. Estes chegando às Américas encontraram civilizações com formações político sociais completamente distintas, o que os fez construir estereótipos racistas de “índios preguiçosos” e “negros arredios”. A tentativa de amenizar esse desastre eurocentrista foi ainda pior, pois formulou-se a ideia de um “brasileiro cordial” e de uma “democracia racial”, onde a temperança e a gentileza de nosso povo é fruto de uma miscigenação pacífica entre índios, negros e brancos europeus, num dos maiores contos de fadas já inventado.

A “república” de Curitiba

Os campos sociais possuem relativa autonomia entre eles, como afirmou Bourdieu (2011), mas possuem homologias estruturais que definem as práticas geridas pelos poderes ortodoxos das forças dominantes. O papel da mídia, nesse sentido, ficou claramente exposto em sua construção narrativa violenta, deslegitimando as competências mentais psicológicas da Presidenta, como na reportagem da revista Istoé de 06 de abril deste ano. O machismo e a misoginia foram o carro chefe das críticas a Dilma, o que levou a um esvaziamento dos discursos políticos, chegando ao nível de surgirem debates nas redes sociais a respeito das roupas “fora de moda” da Presidenta, do seu cabelo e até de suas mudanças de humor por sua suposta “falta de sexo”. Colunistas de moda da Veja e do O Globo, e repórteres como Scherzade fizeram comentários a respeito da “falta de estilo” da presidenta (“ela é brega”), comparando-a a um sofá, cortinas de parede, etc. Além do “jornalista” João Luis Vieira que teria relacionado os desmandos políticos de Dilma à “falta de erotização” (leia-se “falta de rola”, posteriormente utilizado no linguajar das ruas).

A falta de conteúdo das reportagens e a leviandade de seus propagadores travestidos de jornalistas seguem o modelo dos linchamentos virtuais em voga. A ridicularização nas redes sociais foi usada como ferramenta jornalística de depreciação das imagens políticas da Presidenta. Neste sentido vale frisar que tais práticas não operam como ferramentas isoladas por parte da mídia, mas refletem o arcabouço preconceituoso e violento da sociedade brasileira. O machismo amplamente difundido nas relações sociais e culturais foi a marca registrada dos ataques contra a imagem de Dilma. A mãe solteira de caráter forte foi masculinizada (“parece um macho”), rebaixada na

MESA DE TRABALHO 1: SOCIOLOGIA DE LA COMUNICACION Y DEL LENGUAJE

condição de não-mulher por que não faz sexo com homens (“isso é falta de rola”), tida como cognitivamente incapaz (“presidenta”), ademais de ser tomada como puta e simbolicamente estuprada pelos adesivos colados nos carros, onde sua vagina se encontrava na entrada do depósito de combustível.

A ridicularização das imagens e a criminalização da Presidenta Dilma e do ex-presidente Lula só foram possíveis em um comum acordo com as operações policiais e judiciais. A grande protagonista foi a investigação Lava Jato, iniciada em março de 2014 e levada a cabo pelo juiz de primeira instância, Sérgio Moro, o qual teve seu rosto estampado em camisetas e bandeiras com os dizeres “somos todos Sérgio Moro”. Gravações ilegais, conduções coercitivas, vazamentos de depoimentos e de partes do processo para a imprensa ligada ao grupo Abril, demonstraram a fragilidade de uma investigação que tinha por intuito a desconstrução da imagem das lideranças da esquerda no poder. Um grupo de juristas e professores de Direito entraram em cena para denunciar os perigos dos excessos da investigação, assim como sua partidarização, no que concerne a perda tanto do controle sobre as instituições quanto sua capacidade de representatividade pela população, todavia, o desequilíbrio proporcionado pelo descontrole relacionado aos demais poderes que compõe o corpo institucional da República Federal.

O esquema de corrupção da Petrobrás, o chamado petrolão, sacudiu a opinião pública com reportagens que ocuparam todos os noticiários da grande mídia e as capas das revistas de maior circulação. O “maior escândalo de corrupção da história” foi o timão das portadas de periódicos em todo país, numa hipérbole midiática típica de um jornalismo sensacionalista e de baixo teor crítico.

A mídia corporativista, principalmente repórteres do jornal O Estadão, da Folha de São Paulo, da revista Veja, Istoé e da rede Globo de televisão, tiveram acesso privilegiado a informações que, a princípio, deveriam ser segredo de justiça. Às seis da manhã do dia 04 de março deste ano, a Globo televisionou ao vivo a chegada da Polícia Federal à casa do ex-presidente Lula, um claro movimento estratégico midiático de manipulação da opinião pública. Mensagens de *whatsapp* chegavam às dezenas, espalhadas como comemoração pela prisão do “maior bandido do país” (outra vez a hipérbole). Tal procedimento foi um ato de abuso de poder pela desproporcionalidade, uma vez que a condução coercitiva deve ser empregada no caso da não apresentação do intimado perante o juiz para depoimento, o que não ocorreu. Além do espetáculo jurídico midiático uma série de desinformações foram sistematicamente espalhadas

MESA DE TRABALHO 1: SOCIOLOGIA DE LA COMUNICACIÓN Y DEL LENGUAJE

nas redes sociais, principalmente no *facebook* (sites de notícias falsas e sensacionalistas como Pensa Brasil, Acorda Brasil, Diário do Brasil e o próprio Movimento Brasil Livre – perceba que todos carregam o nome “Brasil” como claro signo de identidade nacionalista preocupada com o “bem da nação” –. Esses e outros sites foram responsáveis por publicar 3 notícias de conteúdo inverídico a cada 5 publicadas na rede às vésperas da votação do impeachment, segundo levantamento realizado pelo Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas de Acesso à Informação da USP, em 17/04/2016) e *whatsapp*, como *modus operandi* de desconstrução da figura política de Dilma, Lula e sua família. A seu filho, Luis Claudio, apelidado de Lulinha, foi associado um patrimônio que não lhe pertencia (dono da Friboi, iates, carros de luxo), sendo propagada aos quatro ventos como verdades irrefutáveis. A esposa de Lula, Dona Marisa, foi atacada por haver plantado uma pequena horta no Sítio de Atibaia, o qual, além do tripléx do Guarujá, nunca foram encontrados quaisquer indícios de vínculo que fundamentassem processos criminais. A questão não é se são ou não culpados, mas o fato de terem sido linchados publicamente e terem sido indiciados judicialmente sem provas substanciais no intuito de pavimentar a destruição de suas imagens, do Partido dos Trabalhadores, angariando apoio para o golpe de Estado. O absurdo descompasso e descontrole jurídico chegou ao descalabro após uma apresentação em PowerPoint realizada pelo procurador do Ministério Público Federal, Deltan Dallagnol, ao afirmar que “não havia provas substanciais”, mas “convicções” de que Lula era o “chefe do maior esquema de corrupção” já investigado (novamente hipérbole).

Terrorismo midiático: antropomorfismo e bestialização das imagens políticas

A judicialização da política foi o modo encontrado pelos setores financeiros empresariais para gerar um ambiente de revolta na população. As sucessivas prisões de petistas com a isenção dos demais partidos, principalmente de políticos ligados ao PSDB, DEM e PMDB, foram o mote das narrativas midiáticas sobre o terreno do ódio fascista. Mentiras e calúnias foram noticiadas como informações verídicas, como provas e embasamento para mais desinformação. O terrorismo midiático brasileiro utilizou as mesmas ferramentas dos veículos de comunicação nazifascistas usados pelos partidos da falange espanhola, o fascismo italiano de Mussolini e pelo partido nazista alemão. Caricaturas, fotomontagens e todo um arcabouço de linguagem sógnica cristã de bestialização, transformaram personagens políticos em bestas selvagens de pouco ou nenhum domínio sobre si, equiparações com figuras mitológicas, como na capa da Veja de 11 de junho deste ano, e a de 18 de setembro,

MESA DE TRABAJO 1: SOCIOLOGÍA DE LA COMUNICACIÓN Y DEL LENGUAJE

comparando Lula ao ditador Kadarfi, mas, principalmente, a criação de grupos organizados em páginas de *facebook* e grupos de *whatsapp* que atingiram um público muito maior em muito menos tempo, divulgando falsas notícias e informações no formato de memes e virais.

Em relação aos memes de internet se faz necessário uma reflexão a parte. Como a própria palavra sugere, memes se refere à *mímesis*, imitação, reprodução. Como modo operativo de comunicação de informações e ideias, eles foram centrais na construção de um aparato informativo calunioso e inverídico. A constante divulgação de material sem qualquer embasamento construiu os alicerces de um sentimento de revolta e de ódio contra a família de Lula e a Presidenta Dilma. Invasões de exércitos venezuelanos e bolivianos foram constantemente difundidos por meio de áudios de *whatsapp*, onde os sujeitos de voz masculina em tom grave se identificavam como agentes da polícia e do exército, denunciando uma possível invasão militar, e até motins do próprio exército brasileiro, sob o comando da “ditadura comunista petralha”, estava a postos para levar a cabo um golpe de Estado. Os memes e gravações em áudio ajudaram a criar um sentimento de pânico coletivo diante da ameaça comunista, da mesma forma que o rádio foi utilizado como veículo de comunicação para gerar nas populações europeias o temor perante o grande mal comunista soviético, principalmente após a Revolução Russa de 1917. Tanto o rádio como os jornais impressos também usaram da mesma estratégia na América Latina, principalmente após a Revolução Cubana em 1959, sob o interesse e mirada estadunidenses preocupados com a possível perda de sua influência no Continente durante a Guerra Fria. Golpes militares eclodiram em toda a região num claro movimento político de manutenção do sistema capitalista por meio da repressão social, contra as reformas políticas e em defesa do grande capital financeiro especulativo, assim como a manutenção do controle sobre territórios ricos em petróleo.

O constante uso das cores vermelhas e obscuras por parte da revista Veja, o tom grave das vozes dos apresentadores, ademais das entoações exaltadas aos berros e gritos, são a personificação de uma performance da violência midiática. O uso da voz agressiva é uma ferramenta usada em rituais de exorcismo e de pregação amplamente utilizado nos púlpitos de igrejas evangélicas por todo país. Essa agressividade está presente também na política, como uma transferência do *habitus* do campo religioso ao político, no intuito de condensar as pulsões metafísicas religiosas aos palanques eleitorais alarmistas. As notícias foram narradas com explosões de fúria. As capas das revistas foram usadas como massificação

MESA DE TRABALHO 1: SOCIOLOGIA DE LA COMUNICACION Y DEL LENGUAJE

espetacular das emoções. É o hiperespetáculo, a espetacularização do espetacular (Lipovetsky & Serroy, 2015), um “envenenamento” à base de uma multiplicidade de informações que não nos dá tempo pensar, filtrar o conteúdo divulgado (Crary, 2014). O terrorismo midiático nos deixa estáticos, imóveis diante de uma profusão de códigos, imagens e sons que geram sensações mais que compreensão (e não seria essa mesma a intenção de um ataque terrorista, nos atirar em um pânico descontrolado, sem saber de onde vem o próximo golpe, arrastados numa tormenta de emoções que nos paralisa, sem que nos seja possível entender os motivos desse fluxo vertiginoso que nos golpeia?).

Palavras finais

Concluo essas reflexões a partir de três aspectos. Primeiro, o terreno fértil encontrado pela mídia foi possibilitado pela violência urbana presente não só no Brasil, mas em vários países latinos. A segunda deriva da primeira, onde o medo foi utilizado e retroalimentado pelas falas do medo e pela espetacularização da violência, num turbilhão de informações tendenciosas e sensacionalistas. A terceira deriva das anteriores, numa recepção da população dessas (des)informação na forma de falas especializadas, de gravata e vozes graves masculinas, numa legitimação acrítica dos usos simbólicos do poder masculino, branco racista, machista e homofóbico.

Porém, como dito anteriormente, a sedimentação desse capital de ira e ódio como desembocadura de sentimentos e práticas fascistas à brasileira, não brotaram de um campo autônomo midiático. Não podemos enxergar o largo alcance e poder das mídias em construir sistemas de representação como sendo forças coercitivas por excelência. Há algo mais. A mídia e seu capital de construção signíca devem ser entendidos como reflexo que retroalimenta uma sociedade violenta, racista, misógina e homofóbica. A sociedade brasileira não consubstancia uma imagem que lhe foi vendida como sendo sua, mas corrobora, aceitando o material divulgado como condição de sua própria face sombria preconceituosa. As violentas mudanças de posicionamento político, a recusa em se reconhecer como pertencente a determinadas classes e estratos sociais e seu repúdio pelo outro que lhe é igual em condição de cor, gênero e etnia são as estruturas subjetivas imperantes de um povo historicamente violentado, que reluta em perceber a brutalidade que lhes acomete diariamente.

O papel imperativo crítico neste cenário desolador é o de desconstruir os erros das representações coletivas que possibilitam a leitura enviesada e, portanto, passível de manipulação, desde os fundamentos de nossa formação histórica, passando pelo

MESA DE TRABALHO 1: SOCIOLOGIA DE LA COMUNICACIÓN Y DEL LENGUAJE

papel coercitivo de nossos sistemas de ensino básico e superior. As manifestações de junho de 2013 e as várias manifestações ao longo de nossa história política conturbada devem deixar uma lição às próximas gerações contrária ao que nos foi ensinado desde sempre: somos um país de negros racistas, mulheres machistas, homossexuais homofóbicos, pobres de direita e funcionários públicos neoliberais. A partir disso haverá uma necessária e urgente ruptura contra os sistemas de representação de nossa sociedade, pois é neste divisor subjetivo cognitivo onde aprenderemos o valor da violência transformadora política revolucionária em contraposição à violência sistêmica empregada sob as vestes de uma democracia racial.

Referências

AUGÉ, M. (2012). *Não Lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus.

BERGER, P. y LUCKMANN, T. (2004). *A Construção Social da Realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. 24^o Ed. Petrópolis – RJ: Vozes.

BOURDIEU, P. (2011). *A Distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Zouk.

BOURDIEU, P. (1997). *Sobre La televisión*. Barcelona: Anagrama.

CALDEIRA, T. (2003). *Cidade de Muros*. São Paulo – SP: Editora 34.

CHAUÍ, M. (2011). *Cultura e Democracia: o discurso competente e outras falas*. 13^o Ed. São Paulo: Cortez.

CRARY, J. (2014). *24/7: capitalismo tardio e os fins do sono*. São Paulo – SP: Cosac Naify.

DAMATTA, R. (2012). *A Casa e a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Roco.

DEBORD, G. (2003). *A Sociedade do Espetáculo*. Versão eletrônica Coletivo Periferia. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/socespetaculo.pdf>. [consulta: 03 febrero 2014].

DERRIDA, J. (2010). Do Direito à Justiça. In: *Força de Lei*. São Paulo: Martins Fontes.

MESA DE TRABALHO 1: SOCIOLOGIA DE LA COMUNICACIÓN Y DEL LENGUAJE

LIPOVETSKY, G. y SERROY, J. (2015). *A Estetização do Mundo: viver na era do capitalismo artista*. São Paulo: Companhia das Letras.

MAGNANI, J. G. C. (2002). De Perto e de Dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 17 (49), pp. 11-29.

MARRA, P. S. y Garcia, L. H. (2012). Ouvir música na cidade: experiência auditiva na paisagem sonora urbana do hipercentro de Belo Horizonte. *Contemporânea*, Ed. 20, 10 (2), pp. 43-57.

PEREIRA, M. (2003). *Percepção Sonora no Espaço Público: Indicadores de Tolerância ao Ruído na Cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro – RJ: Eduerj.

PEREIRA, S. L. (2007). Paisagens sonoras urbanas: uma contribuição ao estudo da escuta midiática. Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP, Comunicação e Culturas Urbanas, *Intercom*, Santos.

SÁ, S. P. de (2011). Ando meio (des)ligado? Mobilidade e mediação sonora no espaço urbano. *E-compós*, 14 (2), pp. 1-18. Disponível em <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/666/524>, [consulta: 08 outubro 2014].

SCHAFFER, R. M. (1977). *A Afinação do Mundo*. São Paulo: Unesp.

SCHAFFER, R. M. (1991). *O Ouvido Pensante*. São Paulo: Unesp.

ŽIŽEK, S. (2014). *Violência: seis reflexões laterais*. São Paulo – SP: Boitempo.

Sites internet

Revista Fórum (2016). Para atacar Lula Veja copia capa da Newsweek sobre morte de Gadafi. Disponível em <<http://www.revistaforum.com.br/2016/09/18/para-atacar-lula-veja-copia-cap-a-da-newsweek-sobre-morte-de-gadafi/>>[consulta: 13 outubro 2016].

Veja (2016). O desespero da jararaca. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/blog/felipe-moura-brasil/cultura/o-desespero-da-jararaca/>> [consulta: 12 outubro 2016].

Folha (2016). Levantamento sobre notícias falsas divulgadas na internet às vésperas do impeachment de Dilma. Disponível em

MESA DE TRABALHO 1: SOCIOLOGIA DE LA COMUNICACION Y DEL LENGUAJE

<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/04/1761990-na-semana-do-impeachment-3-das-5-noticias-mais-compartilhadas-no-facebook-sao-falsas.shtml> [consulta: 11 outubro 2016].

Diário Online (2015). Adesivo contra Dilma causa polêmica. Disponível em <<http://www.diarioonline.com.br/noticias/brasil/noticia-335602-adesivo-contra-dilma-causa-polemica.html>> [consulta: 10 outubro 2016].

Globo (2015). Dilma e o sexo. Disponível em <<http://epoca.globo.com/vida/romance-urbano/joao-luiz-vieira/noticia/2015/08/dilma-e-o-sexo.html>> [consulta: 10 outubro 2016].

Globo (2015). Dilma e o sexo. Disponível em <<http://naofo.de/6quf>> [consulta: 10 outubro 2016].

Portal do Litoral (2016). Scherazade ironiza roupa de Dilma. Disponível em <<http://www.portaldolitoralpb.com.br/sheherazade-ironiza-e-compara-roupa-de-dilma-pano-de-sofa>> [consulta: 11 outubro 2016].

Veja (2016). Internautas não perdoam visual de Dilma. Disponível em <<http://vejasp.abril.com.br/blogs/pop/2016/08/29/internautas-nao-perdoam-visual-de-dilma/>> [consulta: 12 outubro 2016].

Istoé (2015). As explosões nervosas da presidente. Disponível em <http://istoe.com.br/edicao/894_AS+EXPLOSOES+NERVOSAS+DA+PRESIDENTE/> [consulta: 13 outubro 2016].

Wordpress (2010). Aécio Neves capa da Veja desta semana. Disponível em <<https://psdbmq.wordpress.com/2010/10/18/aecio-neves-e-capa-da-revista-veja-desta-semana/>> [consulta: 12 outubro 2016].

Veja (2016). Senado aprova anistia de multas a planos de saúde. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/saude/senado-aprova-anistia-de-multas-a-planos-de-saude/>> [consulta: 10 outubro 2016].